



Secretaria de Estado da Educação

CLIPPING

22, 23 e 24 de setembro 2012



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: O Estado de São Paulo	Editoria: Educação	Data: 24/09/12
Assunto: Mec lança pacto para alfabetizar aos 8 anos		Página: Online

O ESTADO DE S. PAULO

MEC LANÇA PACTO PARA ALFABETIZAR AOS 8 ANOS

Municípios que apoiam proposta terão material didático e cursos de formação

Com quantos anos uma criança precisa saber ler e escrever? O Ministério da Educação lançará no mês que vem o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, que estabelece que todos devem estar alfabetizados ao fim do 3.º ano do Ensino fundamental, aos 8 anos de idade. É o que prevê, também, a meta 5 do Plano Nacional de Educação (PNE), em tramitação no Congresso.

No País todo, 5.182 municípios (93,2% do total) aderiram ao pacto e receberão material didático e cursos de formação Docente.

Uma notícia a ser comemorada? Em parte, afirmam os especialistas. O compromisso com a Alfabetização é importante e é preciso, de fato, que o País se responsabilize por isso. A questão a ser discutida, questionam, é a idade estipulada para que esse processo se concretize.

"Oito anos é muito tarde. O País já paga muito caro pelo histórico de falta de atenção à Educação. Então, se a ideia é mudar isso, temos de centrar esforços e apostar em metas mais ousadas", afirma Izolda Cela de Arruda Coelho, secretária de Educação do Ceará.

Por lá, os avanços dos anos iniciais fizeram o Estado referência em Alfabetização. O programa do MEC, inclusive, foi inspirado no que é desenvolvido pela rede cearense desde 2007 (mais informações nesta página). "Recebemos a visita do ministério, porque pediram nossa participação. Minha discordância manifesta é em relação à idade", completa Izolda.

Pode parecer detalhe, mas, nesse caso, um ano a mais faz diferença no direito dessa criança de se apropriar das coisas à sua volta, afirma o neurocientista Ivan Izquierdo, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. "Prejuízo intelectual não causa, porque sempre se pode alfabetizar depois. Mas a criança perde espaço para participar do mundo."

Para ele, essa Alfabetização tardia é uma questão cultural e mudar esse paradigma exige que as políticas públicas considerem, além do olhar dos pedagogos, a visão de outros cientistas. "Não dá para trabalhar isolado. O cérebro é uma questão da neurociência. Aos 3 anos, a criança já tem condições de dominar e usar a linguagem. Aos 6, já pode estar alfabetizado."

O presidente do Instituto Alfa e Beto, João Batista Araujo e Oliveira, explica que 6 anos é a idade em que se alfabetiza na maior parte dos países que têm um idioma com complexidade parecida à da língua portuguesa, considerada semitransparente, isto é, que tem razoável correspondência entre grafema e fonema.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Há línguas transparentes em que a correspondência é mais regular - como o italiano e o finlandês - e idiomas opacos, nos quais há muitas irregularidades entre a forma que se fala e a maneira que se escreve, como o inglês. Nesses idiomas, o processo seria mais demorado.

"Considerando que a Escolarização tem começado aos 4 anos, não dá para conceber que se leve outros quatro para que essa criança leia e escreva", diz Araujo e Oliveira.

A prova da possibilidade dessa Alfabetização, resume a consultora educacional Ilona Becskéházy, são as Escolas privadas. "Se o Aluno do colégio particular aprende a ler e a escrever no primeiro ano, por que a expectativa para quem depende da rede pública é maior?"

Ponderações. Apesar da capacidade neurológica das crianças, trabalhar com idade limite inferior aos 8 anos é utopia, pondera Priscila Fonseca da Cruz, diretora executiva da ONG Todos Pela Educação. "Uma meta precisa ser desafiadora, mas factível. É claro que há muitos que lerão aos 6 e aos 7 anos, mas se conseguirmos uma régua que garanta que ninguém chegue aos 9 Analfabeto, já é um bom início."

Ela lembra que a Prova ABC - aplicada a cerca de 6 mil Alunos de Escolas municipais, estaduais e particulares de todas as capitais do País - mostrou que só metade dos estudantes estava plenamente alfabetizada aos 8 anos.

É preciso, ainda, considerar que pelo menos 20% das crianças brasileiras também não têm acesso à Educação infantil e chegam menos prontas ao Ensino fundamental. "Infelizmente o Brasil é desigual e o princípio da razoabilidade precisa estar presente", acrescenta Priscila.

O secretário de Educação básica do MEC, Cesar Callegari, também contesta a visão de que se deveria baixar para os 6 anos a idade de Alfabetização. "O que estamos propondo não se trata, de forma alguma, de esticar um prazo. Nossas crianças vêm de várias origens e a Escola procura minimizar essa desigualdade", diz.

Durante o ciclo de aprendizagem, que engloba os três primeiros anos Escolares, alguns Alunos se desenvolverão antes que outros. "Só devemos assegurar que todos, sem exceção, terminem essa fase alfabetizados. Isso não é afrouxar o trabalho, é respeitar que as crianças têm ritmos de desenvolvimento diferentes." Callegari acrescenta: "O que vamos medir ao fim dos 8 anos não é a pura decodificação e a leitura automática. É algo mais complexo que, até mesmo nas Escolas particulares, se consegue apenas nessa idade

Programa inovador no Ceará melhorou nota do Ideb

Alfabetizar na idade certa não é só questão de estipular um limite etário para que a criança leia e escreva. Para que isso aconteça é preciso garantir um ambiente que propicie esse aprendizado, como capacitação dos professores, uso de material apropriado e avaliações que meçam a progressão no decorrer do processo de alfabetização.

Foi a partir dessa premissa que nasceu o Programa Alfabetização na Idade Certa (Paic), em 2007, no Ceará. Ao criá-lo, a secretária de Educação, Izolda Cela de Arruda Coelho, reproduziu o piloto que ela mesma havia implantado, em 2001, quando dirigia a Secretaria de Educação de Sobral - município cearense que é referência nacional na avaliação do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb).



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Funciona assim: a alfabetização plena deve acontecer até os 7 anos, mas aos 6 anos, no fim do 1.º ano do fundamental, a criança já deve saber ler. "O segundo ano é um momento de consolidação. Quando o aluno ganha mais ritmo, melhora a entonação. Mas, alfabetizado ele já está", explica Izolda.

Antes do lançamento do programa estadual, conta Izolda, foi feita uma pesquisa que avaliou os alunos, os professores e o clima da escola. "O resultado mostrou que os alunos eram analfabetos, os currículos das universidades eram muito pobres em relação à formação para alfabetizar o futuro professor e as escolas eram desestruturadas."

A partir desse diagnóstico e com a adesão de todos os municípios do Estado, o trabalho foi estruturado em cinco eixos que contemplam da formação do professor à avaliação.

Fases. O primeiro é o da gestão, que consiste na assessoria técnica para o cumprimento da meta. O segundo, de aperfeiçoamento pedagógico, é o oferecimento de materiais didáticos de alfabetização eficientes.

Em seguida, vêm duas ações que podem ser chamadas de preventivas: o estímulo à literatura infantil, com a organização de "cantos de leitura" para crianças de 5 anos, e a criação de diretrizes curriculares da educação infantil.

Por fim, vem a questão da avaliação. Os alunos fazem duas provas: uma é aplicada já ao fim do 1.º ano pela própria escola. A outra, ao fim do 2.º ano, é uma avaliação externa que diagnostica a situação de aprendizagem da leitura, da escrita e a compreensão textual de cada uma das escolas.

Os mapas ao lado, que medem o nível de alfabetização no Estado antes e depois dessas ações, mostram que o programa tem dado certo. A quase totalidade dos municípios já tem todos os estudantes com alfabetização desejável aos 7 anos.

O sucesso do Paic inspirou o Paic Mais, que ampliou as ações para as escolas até o 5.º ano e criou um indicador de rendimento que concede incentivos fiscais para aqueles municípios que apresentarem bons resultados e equidade entre alunos e escolas.

Nos resultados do Ideb de 2011, o Estado registrou 4,7 nos anos iniciais, bem acima da meta de 3,6.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: O Estado de São Paulo	Editoria: Educação	Data: 24/09/12
Assunto: Sobe nº de jovens que não estudam nem trabalham		Página: Online

O ESTADO DE S. PAULO

SOBE Nº DE JOVENS QUE NÃO ESTUDAM NEM TRABALHAM

Para especialista, queda da taxa de escolarização entre adolescentes reflete crise no Ensino Médio

A Pnad do IBGE revela aumento na proporção de jovens que não estudam nem trabalham no País. Em 2009, 85,2% da população de 15 a 17 anos frequentava a Escola. Dois anos depois, esse porcentual caiu para 83,7%, interrompendo uma tendência de crescimento da taxa de Escolarização nessa faixa etária que era verificada desde 2005.

O número absoluto de estudantes de 15 a 17 anos se manteve estável em 8,8 milhões de 2009 para 2011, apesar de ter havido um aumento da população desse grupo no período. A explicação para a queda da taxa de Escolarização entre os jovens não é a ida para o mercado de trabalho formal, afirma a gerente da pesquisa, Maria Lucia Vieira.

Segundo a Pnad, os jovens de 15 a 17 anos representavam 3,1% da população ocupada no País em 2009, participação que caiu para 2,8% em 2011, uma variação negativa de 11,1%. Em termos absolutos, houve uma diminuição no período de 319 mil pessoas dessa faixa etária trabalhando.

"Não conseguimos investigar exatamente a causa, mas a princípio eles não trabalham e não estudam", acrescenta Maria Lucia.

Para o economista Cláudio Moura Castro, a queda da taxa de Escolarização entre os jovens reflete uma crise no Ensino médio. "A matrícula está caindo porque o (Ensino) médio é muito ruim, é chato. As pessoas desanimam", diz ele. "A explicação consensual é de que se trata muito mais de uma expulsão do médio que atração pelo mercado de trabalho", acrescenta Castro.

Segundo ele, estatísticas de censos educacionais indicavam "estagnação e contração". "A queda não é dramática, mas a gente esperaria uma expansão contínua." Para Simon Schwartzman, ex-presidente do IBGE, o Ensino médio é pouco estimulante e a perda de Alunos é consistente. Ele lembra que o abandono é maior entre os homens.

A atual presidente do IBGE, Wasmália Bivar, avalia que a população adolescente ainda precisa de incentivos e políticas mais específicas para que a permanência na Escola ocorra de fato. "Trata-se de um desafio, de uma mudança quase cultural, para que o adolescente troque a renda de hoje por uma renda melhor no futuro por meio da Educação", acrescenta.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Entre as crianças de 6 a 14 anos, a taxa de Escolarização teve um aumento de 0,6 ponto percentual, passando de 97,6% para 98,2% no mesmo período analisado pela pesquisa. Analfabetismo. A Pnad também mostra que o País ainda tem 12,9 milhões de Analfabetos com 15 anos ou mais de idade. "Não há campanha que mude os números de Analfabetismo. Quem resolve é Deus. A queda é mecanicamente previsível. Não vai haver surpresa", diz Moura Castro. Do total de Analfabetos, 8,2 milhões (63%) tinham 50 anos ou mais em 2011.

Wasmália reconhece que o desafio é grande por causa da grande fatia de população analfabeta envelhecida, mas considera expressiva a queda de 1,1 ponto percentual da taxa de Analfabetismo em relação a 2009, quando comparada com movimentos anteriores.

O contingente de Analfabetos está concentrado no Nordeste, especialmente na população idosa. Apesar das quedas sucessivas nos últimos anos, a região apresentou em 2011 uma taxa que atinge quase o dobro da média nacional (16,9%, ante 8,6%). Há 6,8 milhões de Analfabetos no Nordeste, mais da metade (52,7%) do total do País.

A Pnad traz também a variação na rede pública de Ensino, que em 2009 foi responsável pelo atendimento a 87% dos estudantes do nível fundamental, 86,4% do nível médio e 23,3% do nível superior.

Em 2011, o percentual foi o mesmo no Ensino fundamental, oscilou para 87,2% no nível médio e subiu para 26,8% no Ensino superior. Ou seja: apesar do aumento nos últimos dois anos, a rede privada atende a 73,2% dos estudantes universitários. Apenas 6,6 milhões de estudantes cursavam o Ensino superior no País em 2011. / COLABOROU FERNANDO DANTAS



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Correio Braziliense - DF	Editoria: Educação	Data: 24/09/12
Assunto: Opinião: a diplomacia da educação		Página: Online

CORREIO BRAZILIENSE

OPINIÃO: A DIPLOMACIA DA EDUCAÇÃO

"Em geral, a Educação não está incluída explicitamente com questões diplomáticas", afirma Anderson Gomes

A diplomacia é a arte e a prática de conduzir as relações exteriores ou os negócios estrangeiros de determinado país ou outro sujeito de direito internacional. Geralmente, é empreendida por intermédio de diplomatas de carreira e envolve assuntos de guerra e paz, comércio exterior, promoção cultural, coordenação em organizações internacionais e outros.

Em geral, a educação não está incluída explicitamente com questões diplomáticas. No entanto, é bastante difundida e utilizada a interação científica entre pesquisadores de países diferentes, inclusive com bastante mobilidade de estudantes de graduação e pós-graduação, a partir de projetos de pesquisa bilaterais e com apoio financeiro de agências nacionais e internacionais de fomento à pesquisa. O Programa Ciências sem Fronteiras, do governo federal, amplia enormemente essa mobilidade para estudantes do ensino superior.

Um outro modelo não institucional utilizado na área da educação é o intercâmbio de estudantes entre países, tanto do ensino superior como do ensino médio (em menor escala). Esses programas são privilégio de poucos, devidos aos custos individuais.

Em artigo recente, o embaixador do Canadá no Brasil, Jamal Khokhar, descreveu com muita propriedade a repercussão da visita-intercâmbio de Luiza Rabello àquele país. Descreveu também a motivação dos brasileiros escolherem o Canadá como um dos principais destinos para estudar inglês, entre outras disciplinas. Em 26 de abril, durante evento no Rio de Janeiro com a presença do governador-geral do Canadá, 30 reitores de instituições de ensino superior (IES) brasileiras e 30 de seus pares de IES canadenses, ouvi o termo diplomacia da educação pela primeira vez, e me dei conta de que Pernambuco está praticando de forma inédita essa forma de diplomacia.

Uma das iniciativas pernambucanas na área da educação foi a criação do programa Ganhe o Mundo. Nesse programa, iniciado em novembro do ano passado, cerca de 24 mil estudantes que cursavam no segundo semestre de 2011 o primeiro ano do ensino médio foram selecionados para estudar inglês e espanhol, de forma intensiva e diária, além de cumprir a carga horária regular das disciplinas de línguas estrangeiras.

As aulas ocorrem no contra-turno na própria escola. Por edital público, foi selecionado um consórcio de instituições de ensino de inglês para que, com professores escolhidos por eles, fossem ministradas as aulas em turmas com até 30 alunos por escola. O resultado do processo é que, em todo o estado, mais de 800 turmas já estão formadas, em escolas de 134 municípios. O programa terá continuidade e está sendo expandido a escolas de todos os municípios do estado, devendo chegar a um total de mil turmas formadas a cada ano.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Outra ação importante no âmbito do programa Ganhe o Mundo é o intercâmbio internacional: participarão os melhores estudantes de cada turma, de forma que cerca de 1000 deles passarão um semestre letivo em uma high school no Canadá, no Estados Unidos, no Reino Unido ou em Nova Zelândia, para língua inglesa, ou Espanha e Argentina, para língua espanhola. Para o primeiro processo seletivo, realizado, cerca de 3 mil alunos se inscreveram para as 700 vagas iniciais, com viagem prevista para agosto/setembro deste ano, cujos resultados foram divulgados. Esses foram os países com os quais Pernambuco já fez convênios de cooperação.

Finalmente, o terceiro eixo do programa consiste em capacitar professores de língua inglesa da rede estadual, com aulas semanais durante 10 meses, ministradas por especialistas americanos. A partir de convênio formalizado entre a Secretaria de Educação de Pernambuco e a Universidade de Georgetown, Washington D. C., com a interveniência do governo americano, por intermédio do seu consulado em Pernambuco, cinco profissionais já estão atuando em cinco gerências regionais (Petrolina, Salgueiro, Garanhuns, Caruaru e Recife) e capacitarão 450 professores de inglês em 2012. O grande diferencial dessa capacitação é que ela é realizada com padrão internacional: são especialistas cuja língua nativa é o inglês, e que além de trazer a capacitação do conteúdo e fluência, também discutirão metodologias de ensino de inglês como segunda língua.

Por que cuidar para que os estudantes do ensino médio da rede pública completem seus estudos com habilidade em uma segunda língua? Não é só pela Copa do Mundo de 2014, em que Pernambuco será uma das sedes; não é só porque precisam de uma segunda língua; não é só porque isso vai motivá-los ainda mais nos estudos, ajudando a reduzir a evasão escolar; é por tudo isso junto e mais: porque uma segunda língua é uma habilidade necessária a todo estudante que termina o ensino médio no século 21.

ANDERSON S. L. GOMES

Secretário de Educação do Estado de Pernambuco e professor do Departamento de Física da UFPE



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: A Notícia	Editoria: AN Joinville	Data: 23/09/2012
Assunto: A ideia é focar no trabalho		Página: 06

A NOTÍCIA

23 de setembro de 2012. | N° 1625

A EDUCAÇÃO PRECISA DE RESPOSTAS

A ideia é focar no trabalho

Professora elabora projeto com foco nas profissões para atrair alunos que já estão no mercado de trabalho para o vestibular

Sabendo que uma das principais razões da evasão escolar, da reprovação e da distorção de série/idades é o trabalho entre os 16 e 18 anos, uma professora da Escola Estadual Maestro Francisco Manoel da Silva, do bairro Vila Nova de Joinville, desenvolveu um projeto para transformar essa aversão à escola em uma realidade menos complicada. Ela levou o interesse profissional dos cerca de 90 adolescentes do 3º do ensino médio para a sala de aula. Assim, ficou mais fácil e interessante estudar.

O terceiro ano do ensino médio, para muitos o último, traz uma série de dúvidas aos adolescentes. Prestar ou não o vestibular? E o Enem? Para encontrar uma resposta a estes questionamentos, a professora Dania Hasse, de língua portuguesa, levou os alunos para fazer um teste vocacional. Eles responderam às perguntas, se dividiram em equipes, desenvolveram pesquisas e relatórios sobre as profissões e entrevistaram profissionais. O final da atividade foi uma feira de profissões. “Os alunos mostraram desenvoltura e criatividade. E o melhor: tiveram o apoio dos pais”, comemora Dania.

Moto e barco dentro da sala de aula

A imaginação rolou solta. Teve aluno até que levou uma motocicleta para dentro da sala de aula. Não se trata da profissão de motoboy. Mas, sim, de técnico em manutenção de motocicleta. “É a profissão do meu pai. Já trabalho com ele. Desde criança adoro motos”, contou o aluno Peterson Lemos, que pretende abrir seu próprio negócio após cursar engenharia mecânica. Emerson Natan levou peças de metal usadas para montar embarcações. Ele também já atua na área e quer cursar engenharia naval. “Pena que o mercado de trabalho em Joinville nessa área é ruim. Teria que ir para outra cidade”, avaliou o adolescente.

Para a professora, a atividade estimulou a socialização dos adolescentes e suas curiosidades. Além de ter deixado a aula mais atraente aos jovens. “Precisamos mostrar ao nosso aluno que não basta ficar só na gramática, lógica e outros conceitos. Devemos mostrar que existem caminhos que eles podem escolher, mas, para isso, precisam de dedicação aos estudos”, disse.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: A Notícia

Editoria: AN Destaque

Data: 23/09/2012

Assunto: Quando a escola vira um ringue

Página: 4/5

ANOTÍCIA

23 de setembro de 2012. | N° 1625

CASOS DE BULLYNG

Quando a escola vira um ringue

Famílias reclamam de humilhações, perseguições e brigas entre alunos dentro e em frente às escolas. Os casos só aumentam. Até agosto, a Polícia Militar atendeu a 27 ocorrências envolvendo estudantes. O número é maior que nos dois últimos anos. Em 2011, foram 18 e em 2010, 17.

A frase “Te pego na saída” é ouvida diariamente por dois irmãos que têm enfrentado problemas diários ao ir para a escola municipal na zona Sul de Joinville. No dia a dia, eles afirmam que em meio às aulas são submetidos à violência psicológica e física, assim como ocorre com outros alunos do mesmo colégio. São xingados por causa das características físicas ou situação econômica, levam tapas e até chutes. Os fatos não são novos. Eles passam por isso há três anos.

Segundo o relato de um familiar, há brigas constantes no colégio. O menino mais velho diz que há muitos grupinhos na escola e que já viu muita gente apanhar bastante, até ficar com hematomas. Segundo o relato do adolescente, nem jogar bola na quadra é possível porque os alunos maiores tomam o espaço, muitas vezes à força.

No começo, o familiar orientou os garotos para evitar grupinhos e brigas. Mas não foi suficiente para fugir das perseguições. O menino mais velho chega no colégio às 7h20 e vai direto para sala. No caminho, encontra vários alunos fazendo bagunça, provocando os outros e xingando.

“Ficam procurando defeitos. Tenho um colega que não é bem de vida. Zoam de tudo dele. Fazem brincadeiras que machucam. Se não participar, leva tabefe na cabeça”, conta o adolescente. Antes das férias, ele levou um golpe chamado de voadeira nas costas. Caiu e os outros alunos, em vez de ajudarem, ficaram rindo.

Com o mais novo, a violência física é menor, mas há a pressão psicológica. Na turma, não há problemas. O perigo está com os colegas maiores, dos quinto e sexto anos. Dependendo do dia, para sair do colégio com calma e sem perseguição, só se for correndo para ninguém ver. Mesmo quando fica aguardando o irmão mais velho sair da aula, sempre é importunado por alguém.

Outras escolas não fogem muito deste padrão. Só este ano, a Polícia Militar atendeu 27 ocorrências de brigas dentro e no entorno das unidades. O número é maior que nos dois últimos anos. Em 2011, foram 18 e em 2010, 17 casos. Os dados de 2012, podem aumentar ainda mais, considerando que ainda restam dois meses e meio de aula. Em 90% destes casos, trata-se de desentendimentos entre alunos.

Normalmente, a polícia só é chamada quando o conflito é muito desigual, entre um grupo contra apenas um garoto. Mas quando é um contra um, ninguém é chamado para evitar a briga. Outra explicação para os números, dada pela própria polícia, é de que as pessoas não estão mais tolerando a violência nas escolas e acionando as autoridades com mais frequência.



Veículo: Diário Catarinense

Editoria: Reportagem Especial

Data: 22/09/2012

Assunto: Bem educado e empregado

Página: 4/5

DIÁRIO CATARINENSE

Bem educado e empregado

Pesquisa do IBGE mostra que Santa Catarina tem o maior índice de crianças e adolescentes na escola e também é o primeiro no ranking de jovens no mercado de trabalho

CAROLINE PASSOS

O catarinense é o povo que mais estuda, trabalha e consegue adquirir bens de maior valor, como eletrodomésticos e carros. É o que demonstram os números divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referentes à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad).

Na área de educação, o índice é de se orgulhar: 99,2% das crianças entre seis e 14 anos estão na escola (leia mais sobre educação na página ao lado).

SC tem o maior índice de pessoas ocupadas entre 20 e 39 anos de idade, bem acima de 80%. A exigência pela qualificação no mercado de trabalho também aparece no levantamento. Segundo o IBGE, moradores com 11 anos de estudo ou mais têm maior número

de oportunidades no Estado. O percentual, de 82,6%, é o maior do país.

Do outro lado, pessoas a partir de 15 anos, com até três de estudo, apresentam mais dificuldade em conseguir um posto de trabalho. O indicador mostra que 41,3% deste grupo está desocupado em SC. É a maior porcentagem do Brasil.

Para o economista do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), Daniel Passos, o levantamento reflete uma mudança na economia do Estado. Com a concorrência crescente, a indústria começou a abrir espaço para a indústria dinâmica – relacionada à informática e tecnologia –, que exige mais mão de obra especializada. Para o economista, outro fator é o maior acesso à educação, especialmente no nível técnico.

– O mercado de trabalho mais especializado começou a crescer a partir de

2004. Foi uma mudança que aconteceu não só em Santa Catarina, mas em todo o país. Como o Estado tem mais tradição na indústria, se desenvolveu mais – avalia o economista.

Estado tem a terceira maior renda do país

Outro indicador diz respeito ao número de pessoas a partir de 60 anos que estão fora do mercado de trabalho. SC tem a segunda menor taxa de moradores nesta faixa etária em atividade (21,6%). Na avaliação do economista do Dieese, o índice pode mostrar que o nível médio de renda (cujo rendimento mensal aparece como o terceiro maior do país R\$ 1.578), e o número menor de familiares (2,9 pessoas por domicílio), permitem que o trabalhador tenha

mais segurança para se aposentar.

A pesquisa aponta ainda o poder de consumo. Os moradores de SC atingiram o maior percentual de domicílios com carro (68,5%). Os catarinenses também aparecem com o maior percentual de televisores (98,4%). O Estado está na frente quanto ao número de geladeiras, fogões e máquinas de lavar. Quase todos os moradores têm os três eletrodomésticos em casa (99,4%; 99,6% e 80,5% respectivamente).

Para o economista da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (Fecomércio) de SC, Maurício Mulinari, a compra de bens duráveis é um dos reflexos da renda estável. A compra destes itens mostra ainda que o catarinense se planeja e aproveita a expansão do crédito para consumir.

caroline.passos@diario.com.br

Estudo é garantia de promoção

Há 22 anos na mesma empresa, Celso Juventino Heck se encaixa no perfil do catarinense apontado pela pesquisa: que investe em educação e tem boa colocação no mercado de trabalho.

O gerente industrial de 38 anos ingressou na Olsen – especializada na produção e comercialização de equipamentos odontológicos, em Palhoça, na Grande Florianópolis – logo após concluir o curso técnico em Processos Industriais.

Ocupou cargos desde montagem, supervisão até chegar à gerência. Como conhece a dinâmica do mercado, pretende se especializar mais. Concluiu especialização em Eletromecânica e estuda inglês. Está entre os seus projetos cursar ainda Engenharia Mecânica. Pai de uma menina de 10 anos, quer avançar ainda mais na profissão.

– Hoje, o mercado está melhor para quem é especializado na parte técnica. É difícil encontrar pessoal qualificado e com experiência. É aí que tem mais oportunidade – avalia Heck.



Celso Juventino faz parte da estatística de pessoas entre 20 e 39 anos que estão atuantes no mercado de trabalho



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

SC EM DESTAQUE NACIONAL

EDUCAÇÃO

Taxa de escolarização de 6 a 14 anos



DOMICÍLIOS

O que tem nas casas catarinenses



RENDIMENTOS

Rendimento médio mensal



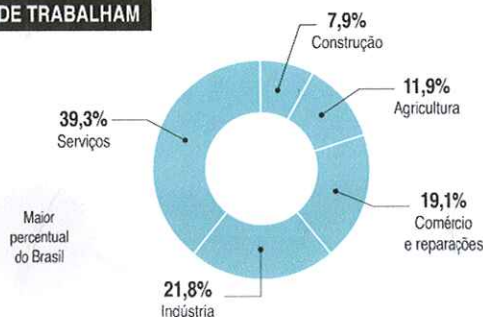
EMPREGOS

TAXA DE ATIVIDADE



SC É O ESTADO ENTRE AS MELHORES TAXAS DE ATIVIDADE NESSAS FAIXAS ETÁRIAS

ONDE TRABALHAM



Educação falha acima dos 15 anos de idade

Santa Catarina é o Estado onde mais crianças entre seis e 14 anos frequentam a escola. São 831 mil estudantes nessa faixa etária, o que representa uma taxa de 99,2%. Entre sete e 14 anos, o índice sobe para 99,5% ou 748 mil alunos.

Os dados foram divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e fazem parte da Pesquisa Nacional de por Amostra de Domicílios 2009/2011.

Depois de Santa Catarina, estão Espírito Santo, com 98,9% de crianças entre seis e 14 anos na escola; seguido por Mato Grosso, com 98,5%. A média brasileira é de 98,2%, maior do que em 2009, quando era de 97,6%. Isso significa que em todo país ainda são 527 mil crianças sem estudar.

Apesar do bom índice nesta faixa etária, quando se fala em adolescentes entre 15 e 17 anos, o Estado está entre os seis com menos matrículas. São 81% de jovens na rede escolar – 273 mil alunos. O índice é abaixo da média nacional, de 83,7%, menor do que o registrado em 2009, de 85,2%.

Adolescentes largam sala de aula para arranjar emprego

O coordenador do curso de pedagogia da Unisul, Jorge Cardoso credita alguns fatores ao baixo desempenho em matrículas entre os 15 e 17 anos. Um deles é a boa oferta de emprego em SC. O jovem consegue trabalho mais fácil, tendo apenas o ensino fundamental, mas por um lado a remuneração é mais baixa.

Outro fator é que o ensino fundamental é uma obrigatoriedade. O jovem conclui esta etapa e quando chega ao ensino médio, não permanece, prefere sair da escola e encarar o mercado de trabalho.

Além disso, os especialistas apontam a falta de investimentos no ensino médio. O fundamental também é oferecido pelos municípios, que têm as escolas mais bem equipadas e bem cuidadas. O ensino médio é responsabilidade do Estado.

As escolas não oferecem condições adequadas que façam o jovem querer permanecer na escola, segundo os especialistas.

831 mil

estudantes de Santa Catarina, com idades entre seis e 14 anos, estão matriculados em unidades de ensino.

527

crianças com idades entre seis e 14 anos não estão frequentando as salas de aula em todo o Brasil.



Veículo: Diário Catarinense

Editoria: Artigos

Data: 24/09/2012

Assunto: Escola e família: desafios

Página: 12

DIÁRIO CATARINENSE

Escola e família: desafios

Os contextos educativos exigem constante integração entre família e escola, o que só é possível com diálogo e cumplicidade. O grande problema é que algumas escolas ainda realizam contato com as famílias apenas em dois cenários. O primeiro, é a família sermão. Os pais são chamados para que os colégios desfiem um rosário de reclamações. No fim, os pais voltam das reuniões achando-se os piores seres do mundo e sem saber o que fazer diante de tantos problemas. O segundo cenário é a família festiva. Os pais são convidados para inúmeras festas e eventos. Registra-se, porém, que grande parte desses servem apenas para arrecadação financeira e nem sempre tem relação direta com o processo de aprendizagem dos estudantes.

As instituições de ensino precisam avançar para além destas perspectivas de integração entre os familiares e a escola. Podem ser espaços de qualificação das famílias. Se num determinado momento um problema que o colégio enfrenta é a agressividade de alunos, por que não fazer um ciclo de debates e encontro de formação entre os pais?



LOURIVAL JOSÉ MARTINS FILHO

Diretor de ensino
Faed/Udesc,
presidente
do Conselho
Municipal de
Educação de
Florianópolis
- Comitê de
Educação

A escola precisa virar um espaço de formação também para as famílias dos alunos.

A escola precisa virar um espaço de formação também para as famílias dos alunos. Sabemos de antemão que as instituições catarinenses contam com profissionais altamente qualificados, que podem compartilhar com os pais os problemas que enfrentam no cotidiano educativo e buscarem soluções em conjunto.

Quando pais e mães se encontram no contexto escolar para refletir, percebem que os filhos não são de outro planeta, pois outras famílias vivem os mesmos desafios.

A família precisa ter o direito de opinar criticar, sugerir, acrescentar e reclamar. Os educadores, na relação com a família, precisam ter humildade e perceber que os tempos mudaram e os pais também. A escola é um dos espaços do saber, não o único. As famílias têm muito a ensinar.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: A Notícia

Editoria: AN Joinville

Data: 24/09/2012

Assunto: Gincana mobiliza escolas

Página: 10

ANOTÍCIA

Aluno CDF

Gincana mobiliza escolas

A primeira etapa da 5ª edição do “Aluno CDF – Conquistador do Futuro”, gincana do conhecimento promovida pela Atlântida, movimentou as escolas estaduais de ensino médio de Joinville no sábado, na Univille. Doze escolas foram classificadas para a etapa seguinte. A final está marcada para 6 de outubro.

Os alunos responderam a perguntas sobre várias disciplinas, além de questões sobre infraestrutura, conhecimentos gerais e cursos da Univille. No próximo sábado, dia 29, acontece a segunda rodada de desafios e atividades, quando serão definidos as seis equipes finalistas. As escolas campeãs ganham uma TV de LCD e os alunos, um vale-compras de R\$ 150 na Game Mania.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Jornal de Santa Catarina

Editoria: Artigo

Data: 24/09/2012

Assunto: Alguns porquês do 88º

Página: 19

JORNAL DE www.santa.com.br
SANTA CATARINA

Alguns porquês do 88º

Quando me preparava para escrever ainda sobre educação, tema oportunamente eleito pela RBS, eis que me cai do céu um artigo pronto; um amigo, experiente professor, diretor aposentado, me envia em desprezioso email um texto irretocável:

“Faz-se necessário uma mudança brusca da cultura dos brasileiros em relação à escola fundamental, que deveria ser, única e simplesmente, um local semeador de conhecimentos. A escola, hoje, é tudo, desde cozinha, posto de saúde, ponto de drogas, local de encontro, menos difusora do tal conhecimento.

Falam em i-Pads na escola, quando nem giz existe em muitas salas de aulas.

Falta preparo adequado à maioria dos professores que, bovinamente, passaram a aceitar a tese de que escola não é local de competição, portanto não se premia quem merece, e que todos são iguais, seja esforçado ou não.

Esse é o pilar básico do desenvolvimento de nações fortes, a premiação aos melhores. O estudo de Português, Matemática e Ciências está banalizado, muitas vezes têm menor valor que Educação Física, que deve fazer parte da vida escolar, mas jamais ter prioridade na formação dos



Me preparava para escrever sobre educação, tema eleito pela RBS, eis que me cai do céu um artigo de um amigo, experiente professor. Um texto irretocável

jovens. Raros são os professores que participam, voluntariamente, de cursos de aperfeiçoamento, supondo ainda que tenham habilitação, algo que uma grande porcentagem não possui. O hábito de leitura não está arraigado nessa massa de formadores de opinião, daí o que se pode esperar dos jovens? Analfabetos funcionais, que chegam até os bancos das universidades e de lá saem quase iguais como no primeiro dia de aula. Isso é assim, para a imensa maioria desse povo.

O país precisa urgente de técnicos gabaritados e vimos o triste fim dos CEFETs, mexida infeliz do governo FHC, com seu ministro Paulo Renato. Os jovens que vinham de escola pública tinham o CEFET como sua grande arma, já que poucos iriam sair vitoriosos numa Universidade Pública. Sabiam que teriam um bom emprego e possibilidade de voos mais altos. Sobraram as escolas Técnicas onde sobram vagas, pois pouco preparam, são arremedo dos CEFETs, sem contar que o povo está iludido com os “cursos superiores”, 80% deles, caça-níqueis. Faz lembrar Cuba, onde até as prostitutas possuem curso superior, mas que não ajuda em nada em termos de ascensão social...”

Acrescento: estamos quase lá; para ser bombeiro em Santa Catarina exige-se formação superior!

► O médico Cezar Zillig escreve neste espaço às segundas-feiras



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Jornal de Santa Catarina	Editoria: Segurança	Data: 24/09/2012
Assunto: Escola é arrombada		Página: 18

JORNAL DE www.santa.com.br
SANTA CATARINA

Escola é arrombada

BLUMENAU - A Escola Básica Júlia Lopes de Almeida, localizada no Bairro Ponta Aguda, foi novamente arrombada neste fim de semana. O crime foi comunicado à Polícia Militar no sábado, por volta das 9h30min. Na ação dos bandidos, uma janela foi arrombada e um computador completo da escola foi levado. Desde o início do mês, a unidade de ensino foi arrombada pelo menos outras três vezes.